



Amarante—As Ex.^{mas} senhoras D. Maria Thereza e D. Maria Luiza Coimbra
filhas do fallecido Snr. Dr. Joaquim Coimbra

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto,

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

As Igrejas

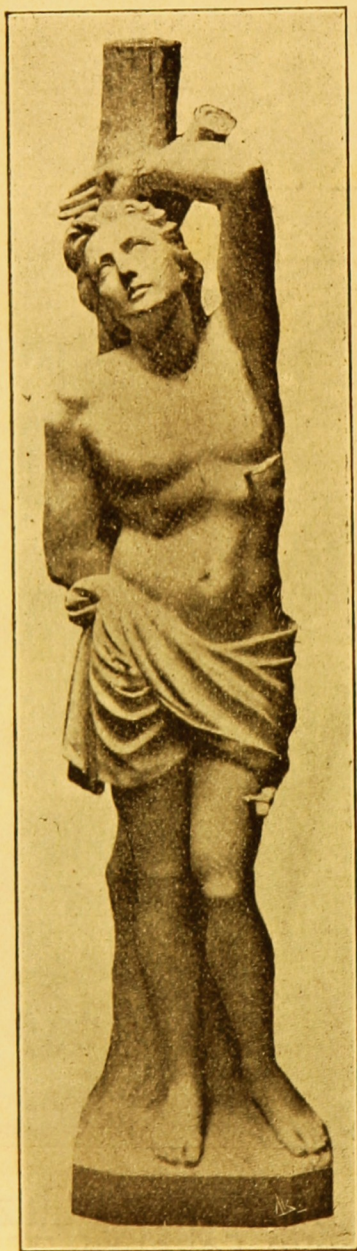
forneem-se da

CASA MONTEIRO BORGES

Ruas do Sol e Batalha--PORTO

por ser a mais completa no seu genero

Ornamentos d'Egreja
Titulo da Casa Monteiro Borges



Escultura Religiosa em madeira
Titulo da Casa Monteiro Borges

IMAGENS — PARAMENTOS — ALFAIAS

Monteiro Borges — PORTO

Quem imita esta casa reconhece-lhe a superioridade

A imprensa

Escultura Religiosa

A convite do conhecido negociante de artigos religiosos snr. Monteiro Borges, visitamos o seu novo atelier de esculptura religiosa, junto do importante estabelecimento de paramenteiro e de todos os artigos para ornamentos de egrejas, na rua da Batalha e rua do Sol. A officina, em que trabalham os mais afamados artistas em esculptura, tem já grande numero de encomendas. Para provar que o trabalho é correcto basta ter a dirigil a o sr. Americo de Sousa Oliveira Maia, que é um artista considerado. Na officina de pintura, que fica junto, está o sr. Francisco Alves Costa, que desde ha muito é conhecido artista distincto. Basta a energie do sr. Monteiro Borges e o conjuncto de artistas que tem em todas as suas officinas, para as pessoas que desejem artigos religiosos preferirem a sua casa, não só pela grande quantidade e variedade de artigos que possui, mas tambem pela lealdade com que são feitos todos os negocios da sua casa.

Percorrendo tambem as suas officinas de costuro, de bordados, de retrozeiro e de flores artificiaes, avalliamos a perfeição de todos os trabalhos, porque todo o pessoal é habilitadissimo nas obras que lhe são confiadas. Damos os parabens ao sr. Monteiro Borges pelo bem montado de todas as secções das suas officinas e para confirmar o que dizemos, basta uma visita ao seu estabelecimento, para o publico ver que é um estabelecimento modelo e o mais bem montado e mais completo no seu genero.

(Do Jornal de Noticias).

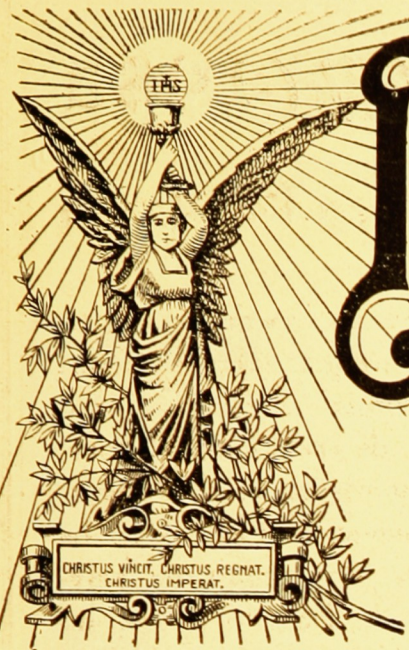
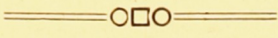


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 13 de Janeiro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

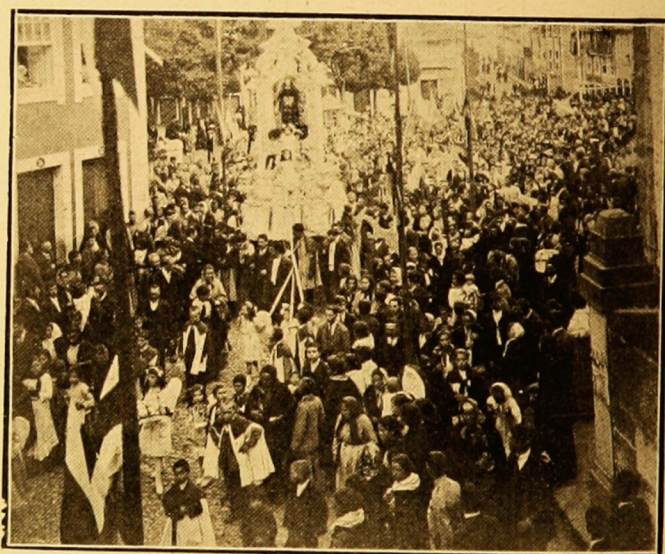
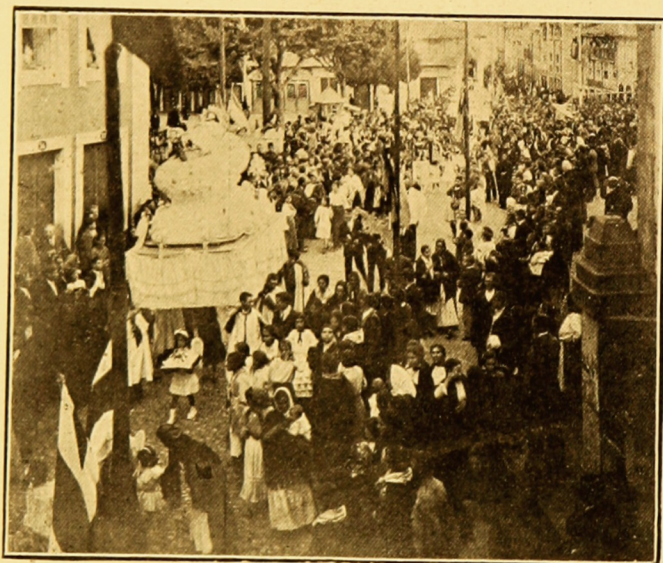
Numero 185—Anno IV



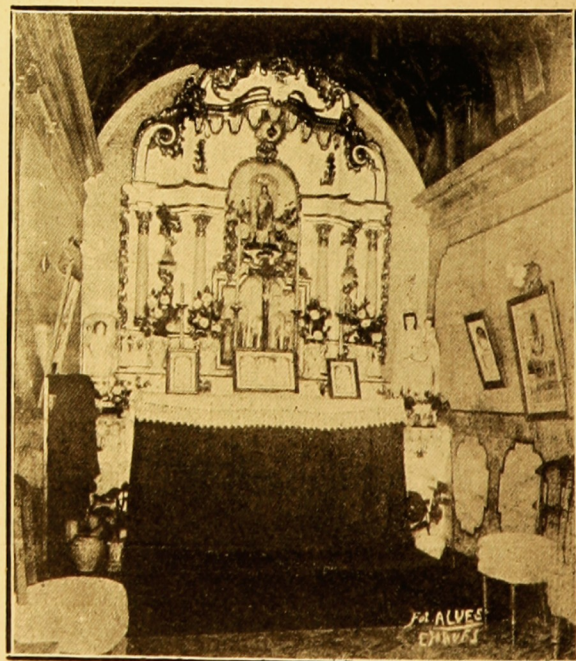
AROUCA—Porta principal do convento

(Phot. J. d'Azevedo—Porto)

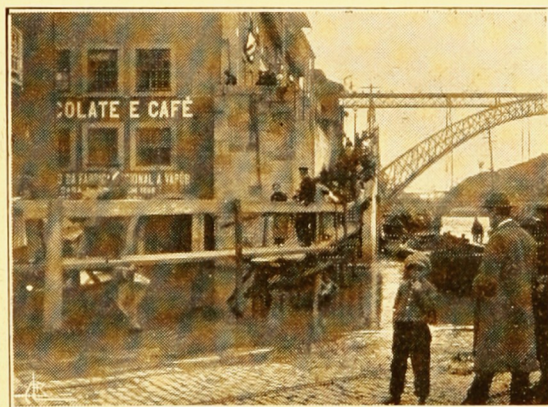
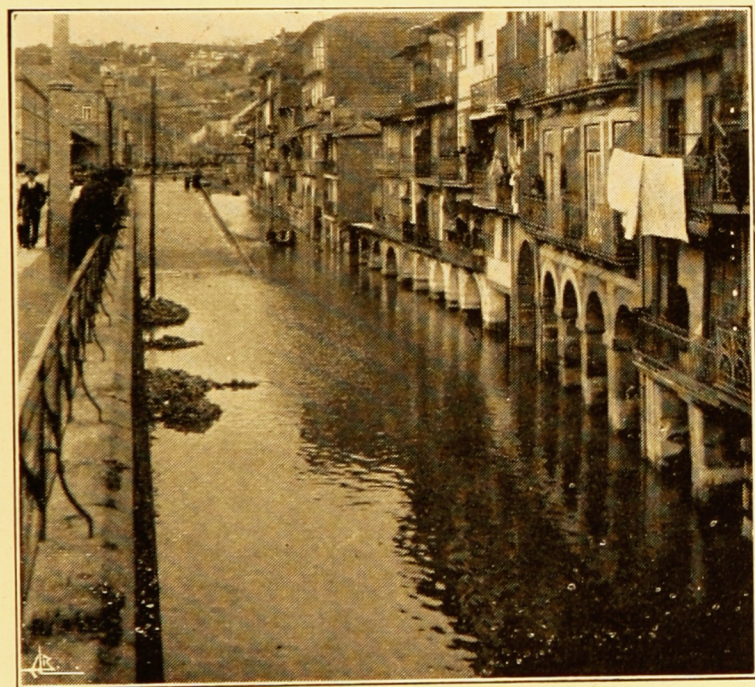
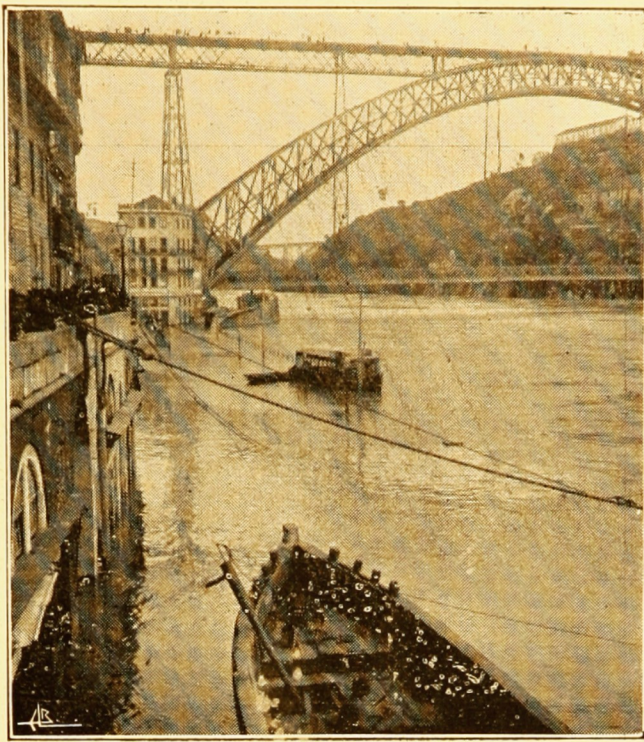
FACTOS



CHAVES 1 — O andor de N. Senhora dos Remedios.
 2 — A procissão ao passar na Praça do Arrabalde.
 3 — O andor da Nossa Senhora da Boa Morte.
 4 — O andor de N. Senhora das Graças.
 5 — A capella da casa da Ex.^{ma} sr.^a D. Anna Orçigal Figueiredo, bondosa senhora, tia do grande benemérito snr. Candido Sotto-Maior. O tecto d esta capella está decorado com uma bellissima e artistica pintura religiosa. (Phot Alves)



A cheia do rio Douro



1—O aspecto do rio.

2—O caes da Ribeira.

3—Em Miragaya.

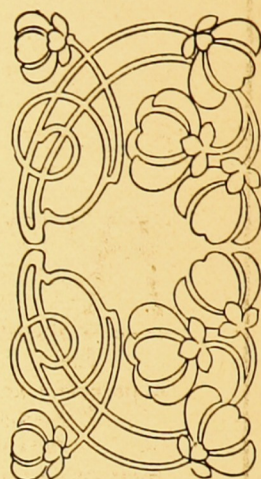
4—No caes da Ribeira.
Uma passagem improvisada

5—O caes de Villa Nova
de Gaya.

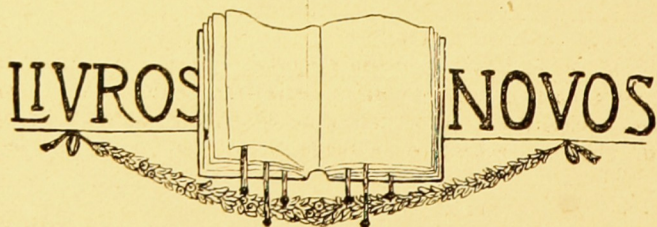
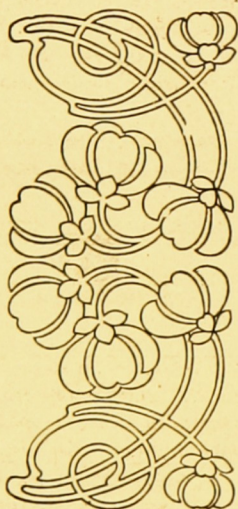
(Phots. de J. Azevedo
—Porto).



Arouca—Fachada principal do convento.



Arouca—Cempe da Feira (Phots. de J. Azevedo—Porto)



Noite Sagrada, por Alberto Leilão

E' uma linda plaquette, esmerada e luxuosamente impressa, esta que temos presente e na qual a sr. Alberto Leilão publica um interessante conto do Natal o que deu o titulo que precede estas linhas. Não se desprende d'elle somente o doce perfume do Natal, evola-se igualmente o odor de ideias nobres de caridade, a terna poesia do amor fraterno entre os homens, que veio ao mundo trazer o Infantinho de Belem.

Officio de Nossa Senhora

Offertou-nos a illustre Redacção do 'Boletim Mensal' um exemplar, bellamente encadernado da edição que acaba de fazer, do officio de Nossa Senhora em Portuguez. E' a edição nitida, elegantemente circulada de traços vermelhos, e conforme às rubricas estabelecidas pela Bulla *Divini Afflatus*. Os devotos de Virgem Immaculada, que usam dedicar-lhe as suas Horas receberão com agrado, certamente, fão bella edição.

CHRONICA DA SEMANA

Impressões...

A' sala de redacção acabava de chegar um distincto jornalista, conhecedor dos meios politicos da capital. Começara a conversa pelo caso mysterioso da herança da condessa do Covo que elle anda desfiando com uma paciente ironia em entrevistas para o seu diario...

—E vejam lá o que é o magnete do jornalista; desci do *rapido* e logo a uma meza do *Internacional* soube de tudo e pela propria bocca do advogado dos herdeiros!

Era a 7 d'este dezembro pluvioso e frigido. Nas columnas dos jornaes, insistentemente, como um aviso, appareciam notas de conselhos de ministros em que se ventilara o problema da ordem publica.

E curioso perguntei a que se referiam as discussões ministeriaes.

—Nós vamos ter ahi, disse elle, d'aqui a dias talvez, uma revoltasinha de collegiaes. Como as outras! Meia duzia que se arrisca, e uma maioria de implicados que ficarão em casa, até que a policia lhes vá bater á porta.

—Não acredito! Ainda mesmo como simples revolta de collegiaes, acho demasiada essa aventura, no momento presente da crise portugueza.

Pouco me demorei alli. n'aquella noite; e a caminho de casa, sob os chuviscos meudos da invernã, fui repetindo: —Mais uma informação, uma phantasia creada ao sôpro dos boatos terroristas que fervilham.

Passaram dias, a mesma nota ministerial continuava apparecendo nos jornaes, e persistia a minha incredulidade.

Na quarta-feira á noite ao voltar á sala de redacção deram-me a nova de que Machado Santos sahira para a rua, invadira o palacio de S. Bento e corrêra de lá para fóra, ó céos, os illustres paes da patria!

Os alvitreiros contavam-me a façanha com uns ares triumphantes e crendeiros; e aduziam pormenores como é de uso em casos faes, para sobreoír o palão posto em curso; um X qualquer ouvira a revolução a um official muito democratico que chegara a Coimbra foragido da capital na mão dos revoltosos... e repetira-a a um Y com barbas no momento em que este muito despreocupadamente ia a subir para o comboyo do Porto na Estação Velha. Por sua vez, este ultimo narrára o extraordinario feito a um Z que a rebentar, não podendo refel-o em segredo, o atirou como uma bomba aos amigos que me estavam fallando.

—Com que então você não o sabia?... Pois olhe que toda a tarde é este o thema das conversas!

() bater prolongado, aborrecido e longo das dez horas na torre dos Clerigos accusava a minha singelissima ignorancia...

—Machado Santos, o *heroe da Rotonda*, feito Pavia á ultima hora! Pois não sabia, palavra que não sabia...

E puz-me a rir, recordando a phrase de Castellar...

—Sómente, um Pavia que não deitará a terra a Republica com o seu gesto!

—Ora essa! bradaram.

—O' senhores, que differença faz n'este paiz o haver ou não a palra parlamentar? Não me dirão?

Sahi. Na manhã seguinte por baixo da janella do meu quarto um berro pregoando os *acontecimentos de Lisboa*, accordava-me. Li as gazetas com um sangue frio exquisito, que só o habito de ouvir fallar em revoluções todos os annos pode explicar por um embotamento ou desgaste de sensibilidade—e fui para a minha vida fatigente.

Aquelle dia 14 foi para mim pleno de tedio. Andava um pobre *que ha de novo?* a vagabundear de labio em labio, sem agasalho, ao frio, insatisfeito. Apenas inscrevi no activo das afoardas proveitosas uma *blague*.

A' porta da tabacaria onde compro as gazetas estrangeiras, discorrendo coisas anodynas sobre os acontecimentos alarmantes, alguém notara joco-sério:

—Para mim, o Machado triumpho pela certa porque conseguiu já o principal.

—O quê?

—Thomar (*tomar*), pois não é assim?

Dia 13, sexta-feira, Santo Eusebio, bispo e martyr, —reza o meu kalendario vigilante. Jejum completo de noticias. Ninguém acredita na prisão do caudilho da revolta pelo coronel Hypolito unionista, ao mesmo tempo que Brito Camacho faz o elogio e a quase defeza de Machado Santos no Congresso.

A informação do sr. Pereira Osorio naufraga nas aguas d'uma descrença geral que augmenta com a ausencia de jornaes de Lisboa.

—Isto agrava-se! diz um, muito circumspecto.

Mas pela tardinha, em S. Bento, contaram-me que o serviço de comboyos estava reatado. Refiro-o a um incolor; diz-me baixinho: —pois é pena! E logo a seguir mais alto: — ora ainda bem que a revolta acabou, ainda bem!

E snr. Bento Carqueja manda pôr nos seus *placards* que Machado Santos está desde a 1 da tarde preso a bordo com 300 soldados, 4 capitães e 7 subalternos e que a ordem está restabelecida no paiz. Tudo acalma. Fazem-se prisões. Ha licença para vadear até á meia noite. E os theatros e *cinemas* tornam a abarrotar de povoleu.

... Foi assim, leitor, que eu vi a revolta numero não sei quantos capitaneada pelo fundador do Regimen e destinada a implantar a terceira republica da segunda série, como diz no *Dia de Juizo*. Schwalbach foi felicissimo na *charge*: Machado Santos foi desditoso na tentativa.

Ahi fica uma pagina solta de impressões, escripta com uma serenidade invejavel, em phrase ligeira de carta a um amigo do Brazil que pedisse novas do seu paiz.

Eu peço de mãos postas á censura que não trace sobre a folha branca do papel, aquella cruz azul que, se me recorda a bandeira bellica da Russia com o instrumento de martyrio de Santo André, é tambem o desapiedado martyrio de quem rabisca inoffensivas coisas...

Vida intensa.

POR J. DE FARIA MACHADO.

EM plena Academia das Sciencias, ante um pomposo auditorio de principes e letrados, o velho Marquez de Penalva, com a sua tabaqueira d'esmalte e a sua saca de seda, n'aquelle remoto e calamitoso anno de 1799 leu solemne, a sua dissertação erudita, a favor do poder dos Reis. Choveram applausos e louvores de que compartilhou gostoso o Principe do Brazil, amigo e admirador sincero do aristocratico letrado. Mas o tempo, destruidor inclemente, deixou no esquecimento a verdade dos conceitos e a ephemera gloria do auctor. Da mais pura psychologia politica aquellas sinceras laudas, davam rebate e davam ensinamento. A apologia do principio parecia querer lembrar aos que d'elle systematicamente descuravam, que o principio perigava e derruia na onda avassaladora das ambições. Tudo foi esquecendo, tudo!... O acaso hoje fez-me descobrir, na minha livraria, a edição da memoria e reli-a d'um folego, olhei para os factos e para os successos.—e Deus louvado,—compreendi a razão de tal esquecimento. E' que hontem como hoje, os homens fecham obstinadamente os ouvidos á voz desagradavel do senso commum. Cobrem-a de louvores, aclamam-a, mas não a escutam. A verdade fere, chicotea, abala, os que systematicamente da verdade se afastam. E senão vejam como o elegante Marquez de Penalva considera e falla do seu tempo.

* ... Estes reciprocos officios, que os homens em sociedade se deviam prestar desenvolverão no coração humano dois sentimentos, desejo de governar, e necessidade d'obedecer. Parecem á primeira vista oppostos estes principios; mas na pratica conhece-se que tem a mesma origem. O homem desejou governar, para vencer os obstaculos, que se oppõem á execução da sua vontade, e ao commodo, e segurança da sua vida; e conhece a necessidade de obedecer pela debilidade propria, e pela esperança que tem de que um vingador commum se ponha do seu partido, e o satisfaça. Alem de que, da opposição das vontades nasce um governo tumultuoso, que faz a todos infelizes, não podendo ninguem nada por isso mesmo que todos podem tudo. Esta anarquia, como é um estado violentissimo, e oppressivo, não podendo durar muito, degenera necessariamente em alguma carta de administração, e então serve ao commum a desigualdade com que a natureza nos fez nascer. Os homens de vigor, e de talentos sobresaem, e a turba afflita com os males incalculaveis d'esta tão celebrada, como falsa liberdade, ouve os conselhos de quem promette e pode valer-lhe: e eis aqui como a sujeição começa. Com tudo estas saudaveis admoestações serão infructuosas, se apenas se escutam, porque isto só honra o cidadão que as dicta, é necessario reduzi-las a pratica que é o officio do legislador castigar os transgressores domesticos, e repellir a força dos extranhos, que pretendam perturbar a ordem estabelecida. Estes juizes começarão por eleição da sociedade que recorreu a este meio de ser representada em poucos a sua vontade moral e então ficarão os homens persuadidos, que era o modo de governar ser governador; não porque se illudissem com esta procuração, que davam a quem os dirigia; mas porque esta soberania estabelecida, embaraçando a desordem geral, fazia a cada cidadão mais senhor das suas innocentes acções, e perfeito arbitro de suas legitimas propriedades... »

Depois d'este radioso espelho onde decerto se mirarão despeitadas, as jovens e desordenadas democracias, o erudito fidalgo logo diz, duas ou tres paginas corridas:

* ... D'aqui se infere por legitima consequencia, que as grandes adversidades do Estado, só podem ser remediadas, ou prevenidas pelo arbitrio supremo d'um chefe, seja qual for o numero dos seus conselheiros, ou dos indispensaveis delegados do seu importante ministerio; comtanto que ninguem inspeça as suas decisões, nem tome ousadamente o lugar de Deus, que é só quem toma conta aos Reis, do modo porque exercitaram a soberania sobre os povos. Se pois as calamidades publicas convidam todas as sociedades a buscar um chefe, como ignoram os homens, que a ordem que deve ter qualquer regimen é tod os os dias atacada? O contraste das paixões, e a lucta continua dos preversos faz com que a sociedade constantemente necessite de força e unidade de poder... »

Que admiravel ensinamento estas palavras contem e

Maria A. Vaz de Carvalho



Menina e moça, esplandecente, viva,
Olhos, cabellos, de fatal negrume,
De verso lia um mágico volume,
Do mundo ás futeis diversões esquivava.

—Oh! meu poeta!—exclama, pensativa!
Alteado o seio á mágua do queixume,
Vaga de entorno o virginal perfume
De flor desabrochando bella, altiva.

Geme depois, convulsa e lacrimosa:
—Eis, minha alma, a alma que procuras,
Que unicamente poderá, ditosa,

Do amor levar-te ás cêrulas planuras!—
Essa creança, pállida e mimosa,
Lia do *Crespo* as doces *Miniaturas*.

26-6-916,

JOÃO AVELINO.

MORTA!?



(Ao Dr. Antas de Barros,
de todo o coração)

Era uma Noiva linda que vivia
N'uma casinha branca junto ao Mar,
E que passava, attenta, noite e dia,
Bordando o seu vestido de noivar...
Cantava a Paz, o Amôr... E seu olhar,
Olhando o bom Trabalho que floria
D'entre os dedos de rosa e de luar,
Tinha um sorrir d'Esp'rança e de Alegria.
... De súbito, meu Deus! sua casinha
Ruiu, irou-se o Mar; e em derredôr,
A Terra que era o pão, ficou maninhal
E a Noiva, sem vestido e sem ventura,
(Oh Belgica infeliz! Noiva da Dôr!)
E' morta... e não tem chão p'ra sepultura!...

Paredes de Coura.

TEIXEIRA PINTO.

Fazendo meia



Tão pequena e já faz meia,
Com um tal desembaraço...
Cae-lhe a meia no regaço...
Vê-la, assim, até recreia.

Não se prende nem se enleia
Nem se queixa de cansaço:
Com a cestinha, no braço,
Rindo, as malhas encadeia.

Tão pequenina... um enlêvo!
Dando os *mates* já tão bem,
Sentadinha ao pé da mãe.

Vendo-a, assim, a trabalhar,
Eu, ás vezes, nem me atrevo
A deixar de a contemplar.

FRANCISCO SEQUEIRA.

A freira



A' Ex.ma Sr.a D. Beatriz Falcão Ribeiro
e Dr. Francisco Falcão Ribeiro.

Já desde criancinha ella dizia:
Heide ir para o convento, heide ser freira,
Consagrar a Deus minha vida inteira
Na santa paz do claustro, eis o que eu q'ria.

Não me seduz a louca juventude,
A vida da illusão, da fantasia:
Fazer bem, praticar só a virtude
E' o que no mundo eu mais desejaria.

Cresceu, e um dia enfim! foi para o convento,
Vestida côr do azul do firmamento,
Tendo na frente a alvura do luar!

E hoje, n'aquella cella humilde e fria
A jovem de joelhos passa o dia
Mergulhada em profundo meditar.

Manteigas, 26-10-916,

PAULO LOPES DA SILVA.

Memorias genealogicas da Casa de Val d'Oleiros

CAPITULO I

PARTE 1.^a

10.^o Balthazar da Fonseca Guedes Osorio, acima succedeu na Casa de seu pae e casou com Paschoa Maria Guedes de quem teve, entre outros:

- 11.^o—Benta da Fonseca Osorio que casou em Villa Marim com o dr. José Monteiro.
- » —Manuel Osorio da Fonseca que segue.

11—Manuel Osorio da Fonseca, acima, foi capitão-mór da cavallaria de Chaves d'onde passou para a de Almeida e casou em Carozza, Cambres, com Seraphina da Silva Soares de Figueiredo, senhora da quinta de Carozza, de quem houve:

- 12.^o—Manuel Osorio da Fonseca, que segue.
- » —Rosa Leonarda Thereza da Fonseca Osorio. Vide Parte 7.^a

12—Manuel Osorio da Fonseca, acima, casou com Violante Maria Borges da Fonseca, de Silvaes de Baixo, freguezia de S. Martinho, de quem teve:

- 13.^o —José Bernardo Osorio da Fonseca, cavalleiro da Ordem de Christo e que casou duas vezes sem successão.
- » —Luiza, solteira.
- » —Thereza Joaquina Felisberta da Fonseca Osorio.
- » —Manuel Osorio da Fonseca.
- » —Lourenço Osorio da Fonseca.
- » —João Osorio da Fonseca.

De quem não temos mais noticia.

PARTE 2.^a

7.^o—João Rodrigues Rebêlo, filho 2.^o de João ou Diogo Rebêlo de Valdoleiros— Parte I n.^o 5.^o— e de sua mulher Brites Leite, andando a estudar em Salamanca apaixonou se por Leonor ou Catharina da Silva, filha dos marquezes de Cerralbo e como era cavalleiro de grande nome foi a Ciudad Rodrigo a umas grandes festas e «entrou nas cavalladas com tamanho lustre e desempenho» que mais seduziu a linda hespanhola que raptou.—Foi arcediago de Riba-Côa e abbade commendatario de Figueiró, cujos beneficios serviu com ordens menores e dos quaes veio a acceitar a renuncia. Antes de ter ordens casou com a referida fidalga de quem teve:

- 7.^o—Maria Rodrigues da Silva casada com seu primo Ruy Lopes de Rebêlo, dos Leites Rebêlos, 4.^o filho de Francisco L. Teixeira Rebêlo e a quem chamavam o «Lopinhos» para differençar de seu pae. Depois de viuva casou segunda vez, com Jacome Rodrigues de Carvalho, dos Carvalhos de Lucianes.
- » —Catharina Rodrigues da Silva, casada com seu tio Jeronymo Rodrigues Rebêlo. Vide Parte I, n.^o 6 e que segue.
- » —Brites Rodrigues da Silva ou Alvares, e que foi casada com Nuno Cardozo, irmão de Simão Cardozo.— Apenas alguns nobiliarios se referem a esta filha.

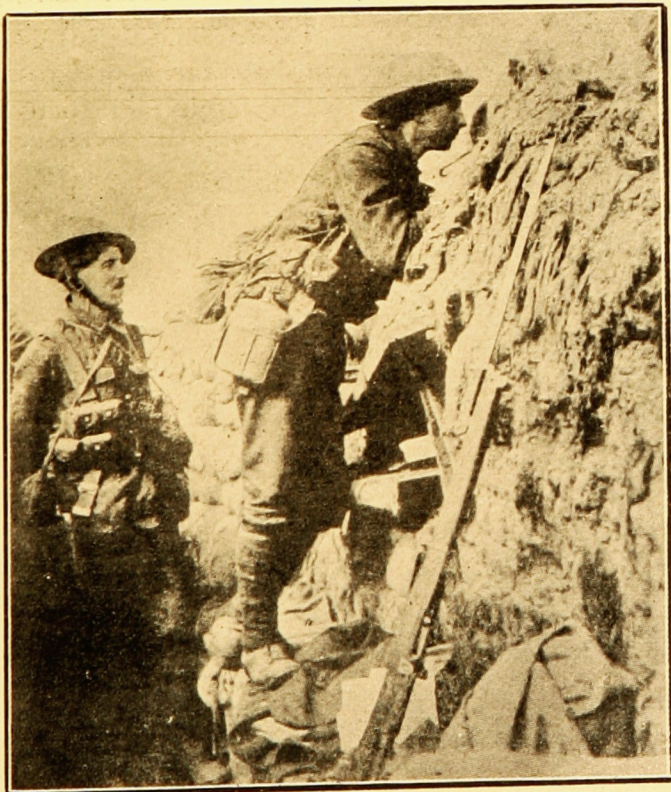
7.^o—Catharina Rodrigues da Silva, casada com Jeronymo Rodrigues Rebêlo, n.^o 6.^o Parte, I, teve:

- 7.^o—João Rodrigues Rebêlo, cavalleiro de Malta e s. g.
- » —Francisco Rebêlo da Silva, cavalleiro de Malta e s. g.
- » —Brites da Fonseca, mulher de seu primo Manuel Osorio. Vide Parte I n.^o 8, onde segue.

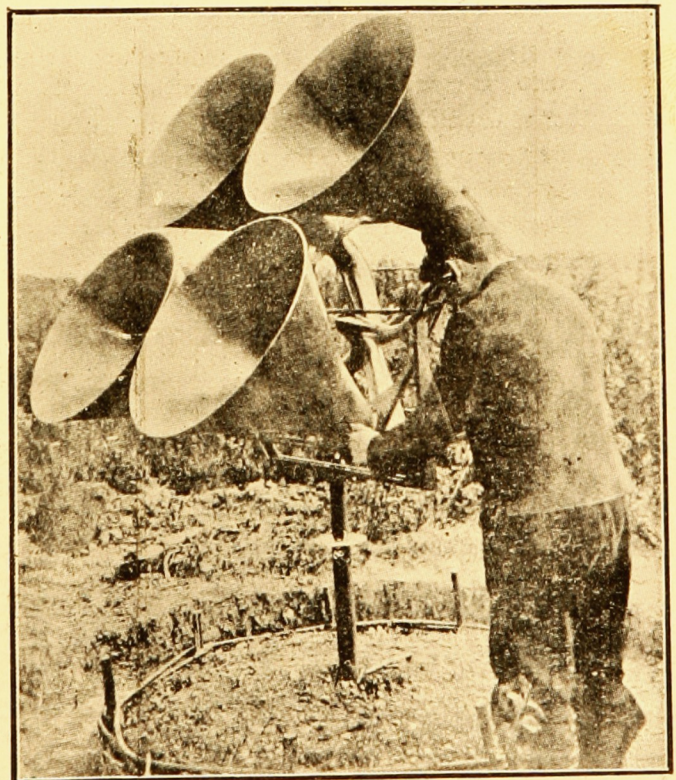
o Páginas da Guerra Europeia o



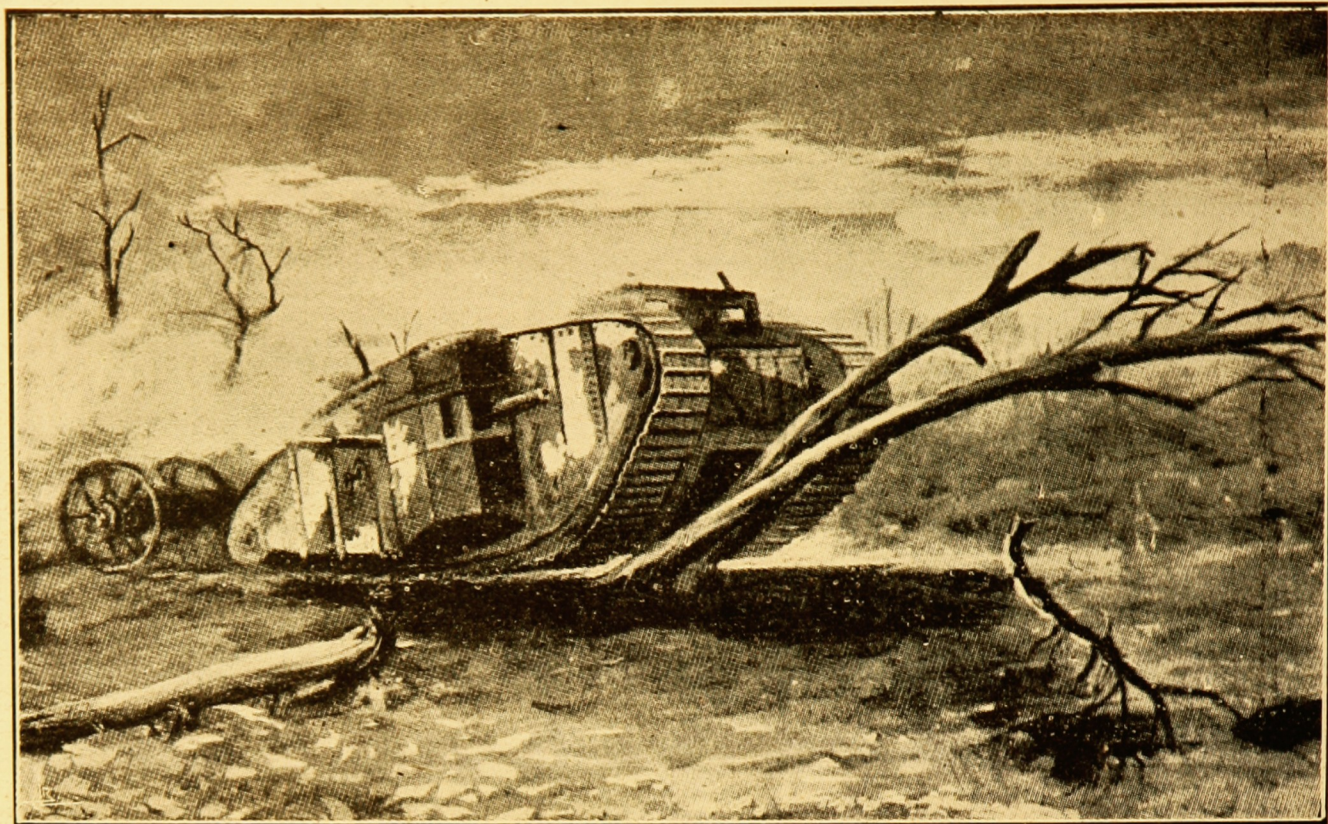
Um acampamento de feridos junto às linhas de fogo



Um posto de observação nas trincheiras inglesas



o aparelho denunciador da vinda de zepellins e aeroplanos no campo entrincheirado de Paris



Um Tank atravessando um bosque durante a batalha do Somme

TANK

O mais surpreendente feito franco-inglez nas linhas do Somme foi a entrada em acção dos *Tanks* blindados e armados de canhões, que os americanos chamaram «Tartarugas», e por elles inventados para empregar na agricultura e na industria. Os inglezes chamam-lhe *Tank* por se parecerem com os depositos de agua ou azeite mineral.

Este moderno aparelho é semelhante a um monstro prehistorico. Devasta os campos, esmaga debaixo do seu peso de aço milhares de vidas, arruina as casas contra

quem embate e arrasa as trincheiras. O *Tank*, é assim, como um supremo e mais eficaz esforço para terminar de uma vez para sempre com esta estupenda lucta fratricida e pôr dique ás futuras.

Estes aparelhos são movidos por potentissimos motores e tem o peso de 50 a 60 toneladas e andam sobre correntes dentadas de aço circulares que o podem mover mesmo nos terrenos mais defeituosos.



Duas minas subterraneas explodindo

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

II. O ideal na arte

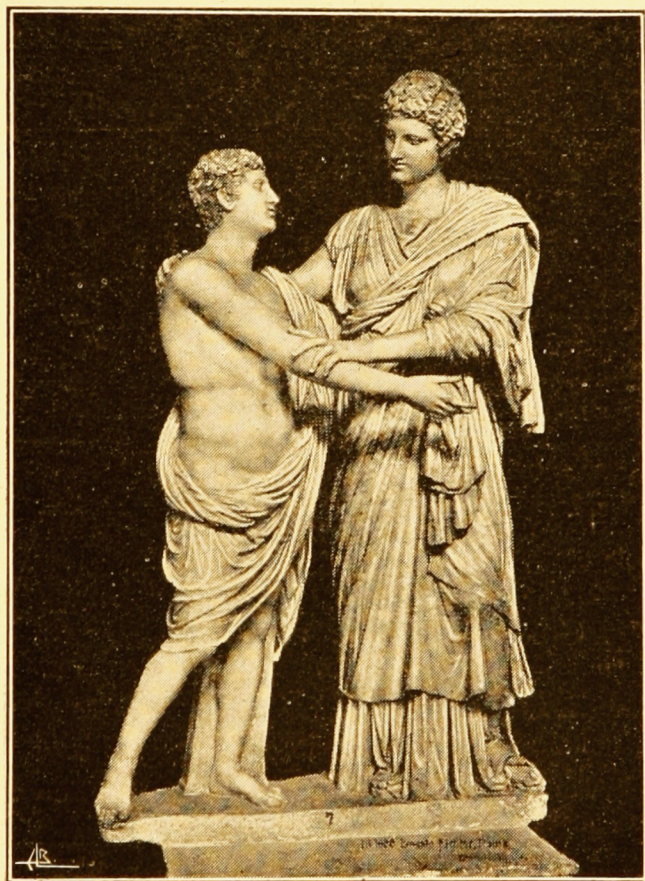
Miguel Angelo interrogado sobre o que dirigia o seu cinzel ao esculpir as obras primas que deixou, respondia: «*una certa idea*»: uma certa ideia, e esta certa ideia, reivindicava Raphael para modelo da sua formosa Galatea.—De resto já Cicero deixou escripto de Fidias: que «o grande artista ao formar as estatuas de Jupiter ou Minerva não tinha deante de si um modelo, cujos traços physiomicos copiasse, mas antes trazia na mente uma *egregia forma* de belleza, contemplando a qual, dirigia a mão ao cinzelar o marmore». (Orat. ad M. Brutum).

Esta forma egregia, esta certa ideia, que vive na mente do artista é o *Ideal*. Não é uma pura imagem d'uma creatura concreta determinada, mas a idealisação dos dotes que viu nas creaturas. O ideal procura representar uma especie de synthese das bellezas que observou, depurando-as dos seus defeitos e imperfeições.

Ora como o Supremo typo de belleza é Deus, todos os mais seres, ainda os mais pequenos são representações concretas dos archetipos da mente divina, o artista verdadeiro imita (quanto é possivel a um homem finito) esse acto de criação de Deus, dando existencia material ás concepções da sua mente.



Moysés de Miguel Angelo
(Egreja de S. Pedro in Vinculis)—Roma



Estatua de Electra e Orestes
(Museu das Thermas)—Roma

«O fim da arte, diz Cesar Cantu, é representar uma ideia e não sómente retratar uma realidade, Tanto isto é verdade que a photographia e os moldes de cera não entram n'ella. A arte quer exprimir por meio de formas sensiveis os pensamentos, os affectos, todo esse mundo que escapa aos sentidos, é o connubio da forma com a ideia». (*Discursa na Expos. indust. de Milão, 1881*).

«Miguel Angelo concebeu na sua mente possante o ideal de Moisés—Moisés libertador, Moisés legislador, Moisés guia do povo, Moisés, indole mascula, alma ardente, coração resolutu, a quem as dificuldades robustecem a coragem, que as vence e passa avante. Que assunto mais conforme com a natureza do artista!... Tem ella vivo no pensamento esse ideal de sabedoria, de força quasi impetuosa, de intrepidez. Procura a natureza as formas mais adoptadas para as esculpir em marmore, e a natureza lhe obedece docilmente, o marmore amollece nas suas mãos. Eis Moisés, obra prima da arte moderna! Não é nenhum dos homens que se encontram pelas ruas, entre os homens que viveram até hoje e os que hão-de vir não se encontrará talvez quem se pareça com elle, mas o ideal de Buonarrofi vive no marmore. O grande artista conhece-o, não pode conter em si o grito de alegria, e batendo fortemente com o martello n'esse milagre do seu genio: *parla! grita: falla!*»

(Zocchi, *Ideale nell'arte*, pg. 6—Roma, 1905).

E' certo que os elementos da concretisação do ideal se hão de buscar na natureza, mas d'ahi até reduzir a arte ao verismo, ao realismo banal, vae um abysmo. Do verismo nascem essas producções vulgares, obs-

cenas, que envergonham a arte apesar da perfeição da sua execução. A arte é uma concordia, uma compenetração do ideal e do real. Se falta o real, é pobre, destituida de verdade, se falta o ideal é nulla.

Esse ideal existe na arte pagã como na christã. Os proprios artistas gregos dirigiram a sua actividade em purificar e poetisar a forma humana, como aquella em que mais accentuadamente revela o ideal do espirito, representando tipicamente o divino... Com effeito, quem examina o Apollo do Belvedere (Vaticano) ou a formosissima estatua de Minerva, não vê n'elles só a figura humana, mas uma concretisação das figuras ideaes, dos deuses, cantados pelos poetas nacionaes. Quando Fidias executava a estatua de Jupiter lia a descripção que d'elle fez Homero. Por isso é que estas estatuas dizem mais alguma coisa que a forma do corpo humano, essa forma, com sua belleza e expressão eleva a mente ás regiões do espirito, ao Ideal. No periodo da decadencia diminue ou desaparece o ideal, para dar logar a produções banaes, algumas vezes torpes, que bem testemurham a agonia da arte.

AGNUS,

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



ESCREVEU Lord Brougham:
—Eu considero a politica como um jogo, em que o mais esperto se conserva ao largo, mas á espreita de boa ocasião, principalmente se elle sabe o que é fazer mudar o trunfo.

A politica

Rodrigues Lobo;

Se és pobre perdes direito,
E, o que é mais, não tens juizo;
Porque, quando falas de riso
Crêem que falas contrafeito,

... Quem não tem fazenda
Não ame, não deseje, não pretenda.

Prudencia, silencio e vergonha

Socrates aconselhava aos seus discipulos:

—Tende prudencia no animo, silencio na lingua, vergonha na cara.

Povo romano

Disse Bossuet do povo romano:

—O povo mais cioso da sua liberdade que o universo tem visto, foi ao mesmo tempo o mais submisso aos seus magistrados e ao poder legitimo.

Bem disse Bossuet, porque o amor da liberdade e o respeito ás leis associadas fazem os estados verdadeiramente livres e os cidadãos verdadeiramente fortes.

Pensar e executar

Sentença foi do filosofo Bías:

—O homem deve considerar de vagar, e executar depressa os seus intentos.

Bom conselho

Sentença de Euripides:

—Um bom conselho vence um grande exercito.

A divorciada



—Que ingratos que os homens são! Estamos casados ha dois mezes e já me contrarias por eu sahir sózinha! Se o meu primeiro marido pensasse como tu, seria eu hoje tua mulher?...

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

© clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importância devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^a—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A' venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

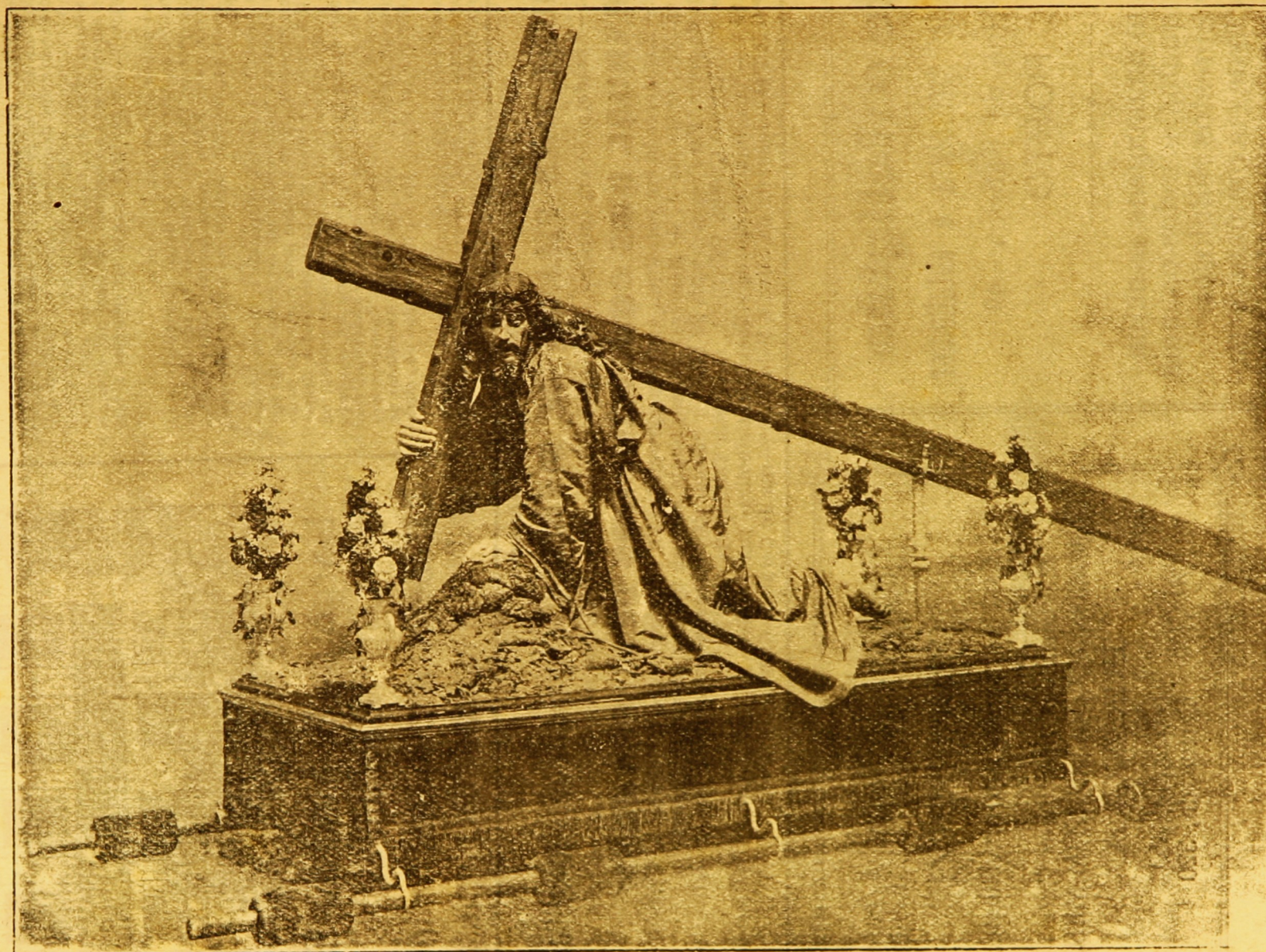
Ornamentos de Igreja da Casa Estrella



Officinas d'Escultura e Talha religiosa
em madeira, marfim e massa

CASA FUNDADA EM 1874

As
maiores
officinas
do Paiz



Pecam
catalogo
illustrado
com 143
gravuras

Specimen e de umasculptura em madeira

PORTO

Bomjardim 85 a 89 e rua de Santo Antonio 59 a 63

GUARDA

Representante e depositario CASA LUCENA—Rua Hellodoro Salgado